

O olho e a mão de quem espreita uma arte sã

Marcos FERREIRA-SANTOS
Arte-educador, folklorista e livre-docente em mitologia
Faculdade de Educação - USP
marcosfe@usp.br

Resumo: O texto tematiza através de exemplos concretos no âmbito do **Lab_Arte - laboratório experimental de arte-educação e cultura** da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como as provocações de uma concepção poética desembocam em pesquisas frutíferas na interface entre as artes e a educação num viés antropológico e simbólico de matriz hermenêutico-fenomenológico. O caráter crepuscular (FERREIRA-SANTOS, 1998 e 2005) do ato educativo, das artes, do cuidado e da pesquisa como jornada interpretativa (WILLMS, ALMEIDA & FERREIRA-SANTOS, 2014), em sua natureza fratriarcal, aponta para uma gnose matutina: pharmakón autêntico de uma educação de sensibilidade nas re-mediações existenciais em sua religiosidade – religare et relegere – como religação e releitura do mundo. O trânsito interdisciplinar esmaece as tradicionais fragmentações disciplinares e põe em circuito a luminosidade modesta (lumina profundis, FERREIRA-SANTOS, 2005) das investigações diurnas com a penumbra noturna dos processos de criação que sondam o mistérico. A despeito de toda a ladainha acadêmica entorno das metodologias de pesquisa, o processo se torna mais importante que o resultado sendo que nunca escolhemos um tema. O tema nos escolhe. Nos cabe como orientadores na provocação das pesquisas ouvir o que o pesquisador ou pesquisadora quer, antes mesmo que ele próprio o saiba e respeitar esta destinação do Outro e nossa como socráticos parideiros. Esta gnose matutina é o autoconhecimento através do conhecimento da aurora do mundo, quando no interior do mundo diviso meu mundo interior. Intellecção amorosa que privilegia o canto assim como o silêncio. Concerto que aproxima o olho e a mão na obra artesã.

Palavras-chaves: Pesquisa em arte - Antropologia Educacional - Mitohermenêutica - Estética - Poética

EYE AND WHO HAND PEEP AN ART SOUND (OR CRAFTSWOMAN)

Abstract: thematizes text through concrete examples in the Lab_Arte - experimental laboratory of art education and culture of the Faculty of Education, University of São Paulo as the provocations of a poetic design culminate in fruitful research at the interface between the arts and education an anthropological and symbolic bias hermeneutic phenomenological matrix. Twilight character (FERREIRA-SANTOS, 1998 and 2005) of the educational act, arts, care and research as an interpretive journey (WILLMS, ALMEIDA & FERREIRA-SANTOS, 2014), in his fratriarcal nature, points to a gnose matutina: authentic pharmakon a sensitivity education in existential re-mediations in their religiosity - religare et relegere - such as rewiring and re-reading the world. The interdisciplinary traffic dims traditional disciplinary fragmentations and puts on the modest light circuit (lumina profundis, FERREIRA-SANTOS, 2005) for day investigations with the night shadows of creation processes plumbing mistérico. Despite all the academic environment litany of research methodologies, the process becomes more important than the result being that never choose a theme. The theme chose us. In fits as mentors in the provocation of research listen to what the researcher wants even before he himself know and respect this allocation of the Other and as our Socratic maieutica. This gnose matutina is self-knowledge through the world the dawn of knowledge when inside the world division my inner world. Loving intellection that favors the song as well as the silence. Concert approaching the eye and the hand in handicraft work.

Keywords: Research in Art - Educational Anthropology - Myth-hermeneutical - Aesthetics - Poetics

“Bom é corromper o silêncio das palavras.

Como seja:

1. Uma rã me pedra

2. Um passarinho me árvore

3. Os jardins se borboletam

4. Folhas secas me outonam (...)

Há um cio vegetal na voz do artista

Ele vai ter que envesgar seu idioma ao ponto

de alcançar o murmúrio das águas nas folhas das árvores

Não terá mais o condão de refletir sobre as coisas

Mas terá o condão de sê-las

Não terá mais ideias: terá chuvas, tardes, ventos, passarinhos (...)

Palavra de um artista tem que escorrer

substantivo escuro dele

Tem que chegar enferma de suas dores,

de seus limites, de suas derrotas

Ele terá que envesgar seu idioma ao ponto de
 enxergar no olho de uma garça os perfumes do sol (...)
 Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo
 Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas
 Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão -
 Antes que as celestiais
 Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
 tanto quanto as soberbas coisas ínfimas (...)
 O que resta de grandezas para nós são os
 desconheceres
 Para enxergar as coisas sem feitiço
 é preciso não saber nada
 É preciso entrar em estado de árvore
 É preciso entrar em estado de palavra
 Só quem está em estado de palavra pode
 enxergar as coisas sem feitiço (...)
 As árvores velhas quase todas foram preparadas
 para o exílio das cigarras
 Salustiano, um índio guató, me ensinou isso
 E me ensinou mais: Que as cigarras do exílio
 são os únicos seres que sabem de cor quando
 a noite esta coberta de abandono
 Acho que a gente deveria dar mais espaço para
 esse tipo de saber
 O saber que tem força de fontes (...)
 A maior riqueza do homem é a sua incompletude
 Nesse ponto sou abastado
 Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito
 Não aguento ser apenas um sujeito que abre
 portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que
 compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,
 que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
 Perdoai.
 Mas eu preciso ser Outros
 Eu penso renovar o homem usando borboletas (...)
 Não é por fazimentos cerebrais que se
 chega ao milagre estético senão que por
 instinto linguístico
 Sabedoria pode ser que seja mais estudado
 em gente do que em livros
 Quem se encosta em ser concha é que pode
 saber das origens do som."

Manoel de Barros
 ("Retrato do artista quando coisa", 1998)

Como provocar pesquisas em Arte e suas correlações com a pedagogia envolve muita responsabilidade em seu sentido mais etimológico (em meu prazeroso ofício de mitólogo das palavras): ser capaz de responder. E aqui cabe uma ressalva importante: muitas vezes (senão em sua maioria) a capacidade de responder se revela, na verdade, na capacidade de formular outras questões que as respostas (sempre) provisórias suscitam. Me lembro especialmente de Mario Benedetti, saudoso poeta uruguaio, quando nos advertia em belo verso que quando

acreditávamos que tínhamos todas as respostas, mudaram, de pronto, todas as perguntas.

Como em todo momento mais maduro, nos cabe uma reflexão mais de conjunto e ao longo de uma determinada jornada já escavada no leito dos caminhos. Lembrando o outro poeta pantaneiro, Manoel de Barros, talvez a "maturidade" seja alcançar o estado de "mato" dentro de nós, quando se pega os atalhos como bugre que se é e poder encontrar os araticuns maduros. A estrada comum e retilínea sofre com o erro de sua solidão, alertava outro poeta nordestinado, Elomar Figueira Mello. Muitas de minhas pesquisas e enfoques nestes encontros formativos já foram publicados (especialmente FERREIRA-SANTOS, 2005; FERREIRA-SANTOS & ALMEIDA, 2014) ; no exercício daquilo que o professor amigo paraense, também poeta, João de Jesus Paes Loureiro, chamou carinhosamente, em determinado momento, de "reflexões meditativas". Além do quadro referencial do Círculo de Eranos (Ascona, 1933-1988), incluo em minhas reflexões a tradição antro-po-filosófica que perpassa as inquietações de Nikolay Berdyaev (1933, 1936), Emmanuel Mounier (1947, 1964), Paul Ricoeur (1987, 1988, 1991, 1992, 1994, 1997, 2001) , Nise da Silveira (1981, 1991, 1995), Maurice Merleau-Ponty (1971, 1974, 1975, 1992), Gaston Bachelard (1989, 1990), René Guenón (1937), Georges Gusdorf (1953, 1970, 1987), José Maria Arguedas (1976, 1987) e Ângelo Kretan (líder kaikang no norte do Paraná assassinado em 1980; JECUPÉ, 2002; CASTRO, 2011).

Sempre gostei da companhia meditativa dos poetas e poetisas em minhas reflexões... talvez ainda mais do que os filósofos. Por isso aqueles filósofos-poetas ou filósofas-poetisas me inspirem mais a pensar a educação e a pesquisa do que qualquer filósofo profissional, pedagogo ou especialista míope por natureza.

E aqui outra ressalva importante: a educação de que tratamos aqui não se resume à escola. Sabemos que esta confusão é bastante comum e enganadora. As instituições, precisamente, por sua lógica organizacional são conservadoras, afinal toda organização é entrópica: evita toda possibilidade de instabilidade e de mudança visando sua preservação, seu status quo. Assim, no âmbito político, todo partido visa a arregimentação das pessoas (expresso pelo voto) para a obtenção do poder, instalar-se e não perdê-lo; no âmbito religioso, toda religião visa a arregimentação dos fiéis e afasta o contato com o Sagrado para degradingolar nas questões laicas da preservação da doutrina, dos regulamentos, da disputa pela hierarquia e do poder; no caso do âmbito educacional, a escola não precisa arregimentar as pessoas (a escolarização é obrigatória e compulsória), afasta o conhecimento e a capacidade autônoma de formação para a tentativa de controle das consciências (à serviço do Estado ou da religião,

ou do mercado, segundo o momento histórico, quando não ao serviço de ambos) e manter o poder estabelecido.

Por isso, me parece que a política é muito mais ampla e importante e não se restringe aos partidos políticos; o Sagrado é muito mais amplo e importante e não se restringe às religiões institucionalizadas; bem como a educação é muito mais grandiosa e importante e não se restringe aos sistemas escolares.

Se, como afirma Edgar Morin (MORIN, 1979; MORIN, 2001; FERREIRA-SANTOS & ALMEIDA, 2014), a “antropolítica” é a política do ser humano no mundo; tento aqui pontuar a reflexão sobre as dimensões mais importantes desta relação contrastiva com o Outro nas suas mais diferentes facetas: social, econômica, psíquica, intersubjetiva, política, etc.; mantendo em profundidade a invariabilidade de nossa estrutura como homo sapiens demens, a matizar, de maneira contraditória, os coloridos sociais das mais diversas conformações societárias.

As “meta-narrativas”, como diria Lyotard (1987, 1988), saturadas em suas utopias burocratizadas em programas, panfletos, jargões e modelos projetivos a se digladiarem pela conquista do poder já exibiram à exaustão suas limitações no processo histórico, sobretudo, no ocidente. Mais uma ressalva importante: ocidente e oriente não são conceitos geográficos, mas ontológicos (como formas de ser) e, portanto, podem se interpenetrar como modos orientais (etnias indígenas, por exemplo) no ocidente, bem como modos ocidentais no oriente (megalópoles como Tóquio ou Pequim). Como tentar compreender estas dimensões sem deslizar para as interpretações mais reducionistas? sem degradingolar para os economicismos, para os psicologismos, para os politicismos partidários, para os maniqueísmos simplistas que dividem o mundo entre dominantes e dominados, opressores e oprimidos, conservadores e revolucionários, sem se darem conta da “troca de cadeiras” que efetuam, sem maiores escrúpulos, levando em conta as “correlações de força” e as estratégias de tomada de poder?

A grande questão antropolítica é, neste caso, precisamente, que é o ser humano? numa perspectiva antropológica, onde se situa a pessoa? como a realização do coletivo se dá na realização da própria pessoa e vice-versa? como evitar que as estatísticas coisifiquem a questão humana? como manter a tensão entre a perspectiva que privilegia a dimensão social de onde todas as relações emergem (FERREIRA-SANTOS, 2002), sem perder de vista a dimensão vertical das pessoas em carne e osso, com a dimensão existencial e trágica da pessoa?

Tentando ultrapassar a conotação mais (neo)liberal da apologia ao individualismo, à livre iniciativa e à “mão invisível do mercado” regulando as relações de oferta e procura no

universo burguês; a antropolítica é a área interdisciplinar, por excelência, que tematiza, para além do constructo abstrato do “indivíduo”, a relação da pessoa com o Outro no mundo concreto das mediações políticas e de poder, entre a subsistência material e o universo simbólico da cultura no mais banal e vivencial cotidiano, onde o algodão do imaginário é que serve de matéria prima para os fios míticos que constituem a trama social.

Neste sentido mais antropolítico é que uma educação mais consequente sempre tenderá à formação (ou mais precisamente, à autoformação) de pessoas desadaptadas ao status quo, inconformadas, desajustadas e que passarão a desempenhar o papel desestabilizador dentro das organizações (e as organizações escolares e acadêmicas, sobretudo) pela predisposição às experiências, vivências, imprevisibilidade dos processos, valorização do novo e do trágico, em detrimento das mesmices endêmicas, mesmo que travestidas de normas, regulamentos, decretos-leis e sucessivas mudanças nos modismos educacionais, de gestão e de “representação democrática”. O aparente caos que uma pessoa autoformada produz é o elemento poético (criador) de um outro cosmos.

Serão estes destinados à marginalia das contra-correntes que exercitarão com maior acuidade o elemento antropolítico mais importante ao se considerar o caráter complexo das tramas sociais e políticas: a necessidade da criação.

A antropolítica vai pari passu com a poética (FERREIRA-SANTOS & ALMEIDA, 2014, p.12).

Ao lado das tradicionais políticas públicas, sob o predomínio do anthropos, isto é, da noção de pessoa, nos direciona às poéticas públicas. Caberia reformular o papel do Estado, de pai autoritário, líder patriarcal, e provedor quase “divino” pelas artimanhas da tecnoburocracia; a elemento democrático de criação, manutenção e conservação de espaços públicos para que as poéticas públicas possam exercitar as alternativas mais adequadas às realidades comunitárias, por suas próprias mãos de modo autogestionário. Cabe ao Estado garantir os espaços, mas não determinar o que será realizado nos espaços públicos e sociais, inclusive, aquilo que cabe à pesquisa. À comunidade deve caber esta decisão bem como sua feitura. Nesta dimensão antropolítica, a política da pessoa no mundo, se revela em processos de mudanças sem ocupação do poder (obsessão neurótico compulsiva político-partidária). Enquanto não tivermos uma maior experiência dos mecanismos de participação democrática (ao invés da democracia representativa), estaremos ainda reféns de um Estado tecnoburocrático compromissado com o espírito do capitalismo e distante das demandas

populares no seio do cotidiano mais banal das comunidades.

A lição que podemos aprender com as comunidades ancestrais é de grande importância na aprendizagem de outros modos possíveis de ser e de mecanismos de prevenção ao aparecimento do próprio Estado.

Como advertia Nikolay Berdyaev (1936) as grandes forças que combatem pela pessoa no mundo são a memória, o amor e a criação.

Sem o cultivo da ancestralidade - um dos traços que constituem nosso processo identitário - pelo exercício constante da memória, seja de modo mais racional através da história, seja de modo mais sensível através do mito; ficaremos reféns dos presentismos e consumismos das identidades liquidificadas sob a globalização.

Sem o exercício de nossos vínculos afetivos nas várias comunidades (de produção, de consumo, de convivência, de aprendizagens mestiças - educacionais - SERRES, 1993 -, etc) e que pressupõe a base da construção constante, dinâmica, aberta, inacabada e complexa da pessoa; ficaremos ainda reféns das relações coisificadas, distantes que convertem o Outro em objeto (de dominação, de exploração, de consumo, de desejo impulsivo, de prazer ilusório).

Sem a vivência experimental da criação e seus processos simbólicos, poéticos, expressivos e estéticos nas mais variadas instâncias político-sociais e com as mais variadas linguagens artísticas, seja no âmbito das artes, da educação e da aula como obra de arte (FERREIRA-SANTOS, 1999, 2000 e 2004), dos processos de produção, nos embates ecológicos; permaneceremos reféns da reprodução acrítica das organizações, relações humanas e políticas, favorecendo o incremento dos tempos de barbárie, violência, degradação humana, miséria e solidão; resultantes do furor gestor e do furor pedagógico.

Uma antropolítica consequente, portanto, é aquela que amplia suas reflexões e ações para além dos estreitos liames do partidário e ideológico para a poética. Desta forma, percebemos que a estética pressupõe uma ética que extravasa o prescritivo e normativo para reencontrar o coração palpitante da vida humana: a construção recíproca da pessoa e da comunidade. Acontecimento, imprevisto, evento contingente que não se deixa amarrar pelas pretensões totalizantes dos programas e projetos, previsões e planejamentos, da racionalização irracional de uma ciência previdente ainda devedora dos devaneios míticos de um Prometeu burocratizado, no divã do psicanalista a tentar entender sua desgraça hepática pela águia de Zeus (que lhe come o fígado durante a noite e o fígado se reconstitui durante o

dia para nova comilança da águia à noite, como castigo pelo roubo do fogo do Sagrado para ensiná-lo aos mortais - mitema da ciência). Como o fígado produz a bÍlis negra (melanos), daí a origem etimológica da melancolia - ou ainda atualizado com o nome de depressão.

Não se trata de eliminar ou substituir o conhecimento produzido pelas mais diferentes áreas epistemológicas (história, economia, sociologia, política, estética, psicologia, artes, estudos culturais, teorias educacionais, etc...), mas de dialogar com elas, no mínimo, de maneira interdisciplinar ou transdisciplinar com o intuito último de tentar compreender o fenômeno humano, em uma paisagem antropológica, para nos instalarmos nas tramas deste tecido com nosso próprio colorido, textura, densidade no lançar imprevisto das agulhas no tear da existência, assim como nos lançamos ao mar aberto no desejo da aventura de conhecer o Outro e o mundo... é dizer, conhecer a nós mesmos.

De maneira existencial, Berdyaev (1933, p.240) nos advertiria num otimismo tragico ou pessimismo ativo:

[o ser humano] se descobre como escravo da máquina, prisioneiro do meio social que ele criou. Na civilização, último resultado do humanismo, a imagem humana começa a empobrecer. A cultura é impotente para lutar contra o poder cruel da civilização. Ela manifesta a vontade que aspira modificar e transfigurar a vida; mas a cultura não transfigura a vida, ela não pode mais que aportar os grandes valores criadores: as filosofias, as artes (...)

Como professor e pesquisador de mitologia e suas interfaces com as artes, me parece oportuno relembrar, brevemente, um mito que me chegou por tradição oral e que se relaciona com os valores da criação, a cruel civilização e seus caminhos paradoxais.

Há muito tempo, num reino distante da Korea, havia uma princesa chamada Minang... Olhos pequenos e pretos e pequena boca cor de amora. Costumava se divertir tranqüila e descontraída com suas amigas no final da tarde quando, de repente, ouvir uma flauta tocando ao longe. A flauta tocava de maneira tão doce e tão profunda que penetrava pelos ouvidos de Minang ido direto pelos caminhos do coração. Foi correndo ao seu pai, o poderoso imperador do lugar, e pediu impaciente que lhe trouxesse aquele príncipe que tocava tão belamente sua flauta ao final da tarde. O pai pergunta como ela sabia que se trata de um príncipe e ela responde rapidamente: “Ora, meu pai... só um príncipe poderia tocar uma flauta assim!...”

No dia seguinte, no mesmo horário da tarde, o imperador ordena aos guardas do palácio que tragam à sua presença o tocador daquela flauta que ecoava pelas tarde como uma fênix cantando seu renascimento. Minang, muito impaciente, não via a hora de encontrar o seu amado.

Não muito tempo depois, eles retornam com um rapaz de cabeça baixa, sendo arrastado por dois guardas, um a cada lado, segurando seus braços. Quando chegam próximo do imperador e de sua filha, ordenam que o tocador da flauta levante a cabeça e reverencie os nobres em sua casa. Mas... que surpresa para Minang e o imperador: não se tratava de nenhum príncipe, mas de um pobre pescador que tocava a flauta ao final da tarde depois de seu trabalho. E era tão feio o pobre pescador! Truong Chi, era seu nome.

Minang cobre o rosto para não ver o rosto do pobre pescador e o imperador ordena aos guardas que o levem de volta. Mas, pobre Truong Chi... ao ver aqueles olhos pretos e boca pequena cor de amora, se apaixonara imediatamente por Minang. Arrebatado pelo sentimento ao ver tão bela princesa já não se importava com os guardas. No entanto, Minang, desapontada rapidamente esquece do pobre pescador.

Truong Chi passa o dia todo pescando e não consegue esquecer da princesa amada. Ao final da tarde, recostado à sua árvore, toca sua flauta que agora se dirige àquela que é dona de seu coração. Mas, o som já não atinge a pequena Minang que, entretida com as brincadeiras do palácio, já nem ouvia mais a flauta insistente...

Depois de algum tempo, Truong Chi entristece. E sua tristeza passa a ser tão grande que o envolve inteiro e à sua flauta. Acaba morrendo de tristeza e os outros pescadores o enterram junto com sua flauta ao pé daquela mesma árvore a beira do mar. E ninguém mais lembrou do pobre pescador.

Muito tempo depois, um oleiro buscando argila para seus trabalhos, vai cavar ao pé daquela mesma árvore onde foi enterrado o pescador Truong Chi. Ali, o oleiro descobre um pedaço de barro duro que lhe parece servir para fazer uma xícara. Era o coração de Truong Chi. O oleiro em seu torno começa a trabalhar no duro pedaço de barro e o converte numa linda xícara de chá repleto de detalhes fabulosos.

No mercado do vilarejo, uma nobre governanta vê a xícara tão bela feita pelo oleiro e resolve comprar a xícara e leva-la de presente à sua senhora, coincidentemente, a mesma princesa Minang.

Minang, sempre caprichosa, se entusiasma com o presente e pede que lhe sirvam chá verde naquela xícara no mesmo momento. Ao segurar a xícara com suas duas pequenas mãos e olhar para o chá verde dentro da xícara, Minang se assusta !

Ela via na superfície do chá um rosto aparecer... era o rosto do pobre pescador Truong Chi. E ela se lembra, imediatamente, do som da flauta e do sentimento do feio pescador. Mas, o som era tão belo e envolvente. Um sentimento forte emana de seu coração e uma lágrima furtiva cai dos olhos pretos de Minang, a princesa. A lágrima treme, escorrega e tomba sobre o chá verde na bela xícara.

Então, algo muito estranho acontece: a xícara se parte em mil pedaços... assustada Minang não compreende, mas assim, o espírito de Truong Chi se liberta ao ter, finalmente, tocado o coração da pequena e bela princesa Minang. Seu espírito, agora ancestral, retorna ao mar que sempre conheceu. Retorna agora transformado no dragão, senhor do mar... ressoando às tempestades o seu nome como trovão: truong... e ao reinar sobre o fogo, a água, o ar e os ventos, mantém na sua lembrança os olhos pretos e a pequena boca de amora da princesa Minang...

Sem querer “explicar” o mito (que não se explica), mas no exercício mitohermenêutico (FERREIRA-SANTOS, 2005) de sua compreensão gostaria de ressaltar o aspecto artesão que permanece como mitema.

Esta é uma concepção artesanal de educação, pois que é uma arte feita com as mãos (nas heranças do centauro-mestre Quíron) e no espaço da intimidade e no tempo construído do manejo, tentativa e erro, sem os arroubos pirotécnicos do espetáculo (no mal sentido do termo). Mas, na contemplação ativa fabril e operária de quem tece, entretece, constrói, amarra, cinge... entretecendo, te sendo, intersendo, como diria monja Coen sensei (COEN In: FERREIRA-SANTOS & GOMES, 2010, p.259), inspirada por um monge vietnamita ao fazer meditação caminhando:

Sinto o contentamento de ser, intersendo.

Sinto da vida todas as alegrias e com os rios fluindo, fluo e me rio.

Não há um inimigo. Não se iludam, não há.

Nenhum país.

Nenhuma pessoa.

Seria tão fácil, tão simples dizer foi ela, foi ele.

Tão cômodo poder apontar para fora e gritar: assassino, corrupto, ladrão...

Escapando das suas responsabilidades de habitante grupal.

Não se iluda dizendo ser bom e o outro mau.

Perceba que somos o bem e o mal;

a luz e a sombra em todo seu potencial.

Fazemos escolhas.

Intersendo, pois que no fluxo dinâmico do encontro, nossos seres se mesclam, dialogam, articulam-se nas diferenças, até que se troque de lugar e voz, abandonando a autoridade emprestada de tagarelices. Aproximando-se da vivência do arquétipo do mestre-aprendiz, intersendo cada qual no outro, se aprende ao ensinar e se ensina ao aprender, desconstruindo a visão ingênua dos processos de ensino e aprendizagem como momentos estanques e possivelmente “planejáveis”. Aquele que aprende ao ensinar e ensina ao aprender - ou num arroubo neologístico para acentuar seu caráter complexo (“daquilo que é tecido junto”), diríamos de uma “ensinagem”: simultaneidade dos processos de ensino e de significativa aprendizagem. Educação artesã, no sentido ancestral do termo: uma arte sã... de muito boa saúde... e simples.

Neste encontro fortuito e incontrolável, contingente e imprevisível, a ressonância que se estabelece entre as duas pessoas possibilita a re-mediação entre as várias dimensões da existência e a busca de centramento no percurso de ser eu-mesmo (Selbst). Impossível estabelecer modelos, didáticas ou metodologias quando percebemos o caráter radical desta possibilidade que foge a todas as tentativas de controle, produtividade, manuais didáticos, eficácia técnica, pesquisa dirigida, enquadramentos estatísticos, domínios em termos de políticas públicas ou gestão educacional.

Neste sentido, procura-se entender o fenômeno bio-antropológico do “cuidado”. Deixando de lado as concepções assistencialistas ou puramente terapêuticas muito em voga na área de saúde, relembremos que o cuidado é o processo de materialização em ações e atitudes do mesmo movente de que falávamos anteriormente, a *philia*. Esta paixão ou amizade pela alteridade não desconhece o outro movente de que nos alerta o filósofo grego, Epicuro (sec. III a.C.) (EPICURO, 1960; PESSANHA, 1992): em contraponto a uma *philia* sempre há a ação também de *neikós* (ódio ou discórdia). Ambos formam um campo de forças antagônicas que movimentam o humano e o Sagrado. É precisamente deste campo de forças que podemos escapar ao *fatum* (destino ou fatalidade) com a noção, também epicurista, de *clinamen* (o desvio). É a possibilidade do imprevisto e da criação (*poiésis*) que emerge da tensão entre os pólos antagônicos e complementares em movimento.

Este drama que constitui a necessidade do cuidado e o desprendimento de quem cuida (oscilação entre a *philia* e *neikós*), perpassa o caráter sagrado de seu ofício, tanto no âmbito da saúde como no âmbito da educação. Lembrando o poeta mineiro do Clube da Esquina, Beto

Guedes, em seu clássico “Amor de Índio” (1978): “*tudo o que move é sagrado e remove as montanhas com todo o cuidado, meu amor...*” No entanto, relembremos a observação de Giordano Bruno, em *Spaccio della bestia trionfante* (sec. XIV):

Os Deuses deram ao homem o intelecto e as mãos, e o fizeram à sua semelhança, concedendo-lhe uma faculdade superior à dos animais (...) por isso determinou a providência que ele estivesse ocupado na ação pela mão e na contemplação pelo intelecto, de modo que não contemple sem ação e nem obre sem contemplação (BRUNO, 2000, p.147; FERREIRA-SANTOS, 2011, p.29-30).

Aquí temos a importância impar da materialização dos itinerários em uma obra que revele a obra percorrida e construída na relação (SANCHEZ, FERREIRA-SANTOS & ALMEIDA, 2012). Se “dar forma é formar-se”, como nos alerta a querida ceramista e antropóloga, Sirlene Giannotti (2008), em conformidade com Giordano Bruno; então podemos dizer que a poíesis (criação) – e sobretudo, através da arte - é a forma privilegiada de sair do círculo hermenêutico, na troca incessante de sentidos (entre captar e constituir sentidos).

É a percepção do Outro, em seu tempo próprio, que me exige uma presença e uma criação como resposta. Pois que nessa hermenêutica (busca de sentidos) como jornada interpretativa (FERREIRA-SANTOS, 2005; FERREIRA-SANTOS & ALMEIDA, 2014), a pessoa é o início, o meio e o fim da jornada e que suscita um engajamento existencial. Este sentido é vivenciável, mas, dificilmente, dizível. Paradoxalmente, o *anthropos* ao realizar-se, realiza o *theos* que o engendra no ato de criar, de educar e de cuidar.

Afirma Gilbert Durand (1989, p. 262-263), em sua obra “*Belas Artes e Arquétipos*”, que:

Há um reconhecimento natural do *homo religiosus*. Não uma redução à “Internacional Déista” da religião formal dos racionalistas e seus concordatários da Enciclopédia, mas relacionado a uma certa “Internacional Pietista” de que falava Gusdorf e de que Corbin sozinho foi tantas vezes a ligação (...) o arquétipo da re-ligação, isto é da relação natural ao sagrado, está refugiado, pois se desenvolveu no seio do santuário da Arte

A arte é o refúgio de constituição do humano em tempos de barbárie globalizada. É no âmbito antropológico das artes que percebemos sua intrínseca ligação com a dimensão de religiosidade: epifania de uma obra que se realiza, mas que não se realiza totalmente, já que o princípio de inacabamento é incontornável. Diz muito da obra, do processo e da própria pessoa, mas o silêncio permanece sobre o indizível. Como diria Lyotard (1988), experiência do sublime em que se presentifica algo que é impresentificável.

Este trânsito entre dois mundos distintos, assim como o Hades e o mundo dos vivos, de que Esculápio foi o condutor em seu cuidado pela saúde; experiência hermesiana do ato educativo que constitui o arquétipo do mestre-aprendiz como *philia* e como gratidão; a arte e

seu processo criativo (poiético) transita entre a potencialidade da forma e a insistência mítica do símbolo (SPERB & FERREIRA-SANTOS, 1998).

O processo criativo proporcionado pela abertura existencial das linguagens artísticas e o fenômeno estético, durante o percurso (auto)formativo das pessoas (inclusive na escola ocidental), prepara e possibilita uma “iniciação”, no seu sentido mítico-ritual, de busca de sentidos para a própria existência e construção de uma identidade pessoal-coletiva.

Paradoxo supremo e misterioso, esta iniciação foge ao superficial pertencimento à coletividade comunitária em que o indivíduo pode se dissolver no tecido coletivo. O desafio é o combate pela personalização na sua realização humano-divina, no compromisso cósmico-social posto pela tríade “memória, amor e criação”: “as grandes forças que combatem pela pessoa neste mundo, são as forças da memória, do amor e da criação” (BERDYAEV, 1936, p.203)

Tríplice paradoxo constituído pelo movente principal (philia) como amor; pelo exercício da memória como diálogo intenso com a ancestralidade e a tradição a que se pertence (arqueofilia, FERREIRA-SANTOS, 2006); e a poiésis como exercício da criação e emergência do novo. As três forças que permeiam a construção da pessoa são antagônicas, mas ao mesmo tempo, complementares e simultâneas. Somente através da philia é que se pode ser fiel à tradição com a emergência do novo (criação), pois tanto o Eros é o propulsor de mudanças (MARCUSE, 1968), como diz Gilbert Durand (1989, p. 24): “a obra de arte assim como a arte de amar são animados, um e outro, por esse mesmo Eros”.

Neste aspecto, podemos entender a arte como três formas de constituição e relação com o mundo:

☉ Arte como construção do mundo:

como processo de formação e auto-formação (bildung¹) que exige uma poiésis (criação), e, portanto, na perspectiva epistemológica de que a arte é, simultaneamente, construção de conhecimento e área de conhecimento;

☉ Arte como apropriação do mundo:

¹ O termo em alemão Bildung, ainda que muito vinculado aos processos racionalizados de formação; nos reserva ainda a compreensão heurística de “dar uma forma” (Bild), de maneira contínua, como gerúndio; ou ainda, como sucessão de quadros que se põe em movimento (cinemática dos quadros estáticos que o transformam em movimento como cinema). Neste sentido, a compreensão de que se trata de um dinâmico processo de formação e de auto-formação, na perspectiva que vimos discutindo da “jornada interpretativa”, FERREIRA-SANTOS, 2005).

como processo estético e hermenêutico (aisthesis) de leitura do mundo, contemplação e busca de sentido (hermenêutica); de maneira inversa das superabundâncias de imagens e sons que - ao invés de proporcionar uma estesia -, na realidade, anestesiam a sensibilidade;

☉ Arte como sentimento do mundo:

como processo simpático (syn + pathós = reunir-se ou compartilhar com a sofreguidão/paixão do Outro), e portanto, como cuidado se revela pharmakon (FERREIRA-SANTOS, 2010 e 2011): remédio no sentido de restabelecer as mediações existenciais perdidas em dado momento, portanto, como re-mediação pela perlaboração dos sentidos, diálogo com a ancestralidade e exercício da sensorialidade e da sensualidade.

São três possibilidades inerentes à presença das artes que reforçam sua constituição como pharmakon na remediação de nossas dimensões existenciais, na busca de equilíbrio entre a plenitude do bem-estar e o desgaste físico e emocional de nossas patologias, e que atestam o caráter sagrado do cuidado. Nos lembra, nosso filósofo russo, anarquista religioso, Nikolay Berdyaev (1933, p.83), em “Espírito e Liberdade”:

Mas os mistérios da vida divina não podem se exprimir senão pela linguagem interior da experiência espiritual, por uma linguagem de vida e não aquela da natureza objetiva da razão. Veremos, então, que a linguagem da experiência espiritual é inevitavelmente simbólica, que é sempre uma questão de acontecimentos, de encontros, de destinação.

Mais uma vez, o caráter imprevisível e trágico (no sentido de aceitação da vida) deste encontro: acontecimento que nos lembra nossa destinação: sermos nós próprios - lição, herança e dívida última que temos com nossa ancestralidade (RICOEUR, 2001; FERREIRA-SANTOS, 2003).

É precisamente neste sentido que as pesquisas em arte e sua relação com a educação tem sido provocadas no âmbito do Lab_Arte. O Lab_Arte - laboratório experimental de arte-educação e cultura é um laboratório didático, diretório de pesquisa em pós-graduação e atividade permanente de cultura & extensão da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo criado em 2004 por iniciativa das alunas e alunos de Pedagogia (FERREIRA-SANTOS, 2007; 2012) para tentar suprir uma importante lacuna nos itinerários de formação de educadores (cursos de licenciaturas, pedagogia e comunidade) com forte lastro teórico, mas a partir de experimentações e vivências nas várias linguagens artísticas, numa perspectiva antropológica, em mais de uma dezena de núcleos experimentais: artes visuais, cinema, dança, teatro, música, histórias em quadrinhos, tramas & fios, cinema de animação, educomunicação, palavra, circo, narração de estórias, dramatização de contos tradicionais, varal de memórias,

fotografia, capoeiras. Cada núcleo possui um monitor com experiência na linguagem sendo aluno ou aluna da graduação, pós-graduação ou pós-doutorando, sempre levando em conta a diversidade cultural, étnica e artística, exercitando a auto-formação. No campo das pesquisas sobre imaginário e mitologia dá continuidade aos trabalhos do CICE - Centro de Estudos do Imaginário, Cultura & Educação interligando graduação, pós-graduação e extensão universitária.

Atualmente, em andamento temos as pesquisas, entre outras, de Theda Cabrera sobre a educação como poiésis (pós-doutorado com bolsa FAPESP), de Luiz Fukushiro sobre a estética entre o Ocidente e o Oriente (doutorado), de Bárbara Muglia Rodrigues sobre o conceito e experiência da corpocriação em dança (doutorado), de Carla Wanessa Caffagni sobre ancestralidade afro-ameríndia e meio-ambiente numa perspectiva de ficção autobiográfica (doutorado), de Sabrina Paixão sobre histórias em quadrinhos como poética visual (mestrado), de Camila Teresa sobre a poética visual das ilustrações de livros infantís (mestrado) e de Marco Antonio Silva sobre a pedagogia do palhaço (mestrado).

Entre as pesquisas concluídas e que podem ser consultadas na biblioteca digital da USP podemos destacar as teses de livre-docência de Rogério de Almeida: "O mundo, os homens e suas obras: filosofia trágica e pedagogia da escolha" (2015) e de Marcos Ferreira-Santos: "Crepúsculo do Mito - Mitohermenêutica & Antropologia da Educação em Euskal Herria e Ameríndia" (2004). Bem como as teses de pós-doutoramento de Janina Sanchez: "Mitohermenêuticas do Feminino em Professoras: Peru e Brasil" (2010) e de Patrícia Pinna Bernardo: "Arteterapia e mitologia criativa: orquestrando limiares" (2006).

No âmbito das pesquisas de doutoramento, os excelentes trabalhos de Andréa Aparecida Cavinato: "Processos de criação: teatro e imaginário" (2011); de Edleuza Ferreira da Silva: "Leitura: deleites e angústias. Uma fisiologia simbólica da leitura em leitores habituais e leitores não-habituais" (2010); de Elly Aparecida Rozo Vaz Perez Ferrari: "Escritura de uma exposição: diálogos de uma educadora e acervos pessoais" (2010); de Elisabete Martins Fonseca: "Imaginário e formação de educadores: a narrativa de si" (2016); de Elni Elisa Willms: "Escrevivendo: uma fenomenologia rosiana do brincar" (2013); de Fabiana de Pontes Rubira: "Dançando com o Minotauro nas Noites: narração de estórias e formação humana" (2015); de Fabio José Cardias Gomes: "O pulo do gato preto: estudo de três dimensões educacionais das artes-caminhos marciais em uma linhagem de capoeira angolana" (2012); de Gracia Maria Lopes de Lima Soares: "Educação pelos meios de comunicação: produção coletiva de comunicação na

perspectiva da educomunicação" (2009); de Guilherme Mirage Umeda: "Educação na linguagem da alma: diálogos ontológicos com a música" (2011); de Luciane Monteiro de Oliveira: "Razão e afetividade: a iconografia maxakali marcando a vida e colorindo os cantos" (2006); de Maria Eugênia Seixas de Arruda Camargo Fernandes: "O World Café e o aprendizado pelo diálogo: limites e possibilidades de um território de sentidos no processo de formação: Diagnóstico Socioambiental na APA Embu Verde: Educação Ambiental para a Sustentabilidade na Bacia do Rio Cotia" (2015); de Patricia Perez Morales: "Espaço-tempo e ancestralidade na educação ameríndia: desdobramentos de Paulo Freire na província de Chimborazo, Equador" (2008); de Ruben Vega Balbás: "La identidad como perspectiva crítica en las artes escénicas" defendida na Universidad Complutense de Madrid (2015); de Sonia Carbonell: "Maragogipinho - as vozes do barro: práxis educativa em culturas populares" (2015); e de Theda Cabrera Gonçalves Pereira: "A ético-poética do trabalho sobre si por meio da dramatização de contos filosóficos com mitema iniciático na formação inicial de educadores" (2015) além de trabalhos como FERREIRA-SANTOS & PEREIRA (2013) e GONÇALVES & FERREIRA-SANTOS (2014) sobre a dramatização.

Entre as dissertações de mestrado, concluíram com este mesmo ânimo as pesquisas de Adriana Queiroz Testa: "Palavra, sentido e memória: educação e escola nas lembranças dos Guarani Mbyá" (2007); de André Luis Pereira dos Santos: "Quando o instante canta: considerações mitohermenêuticas sobre a canção e a educação" (2015); de Barbara Muglia Rodrigues: "Corpocriação: Ensaios mareados sobre caminhos de criação poético-corporal em educação" (2016); de Elis Regina Feitosa do Vale: "Capoeiras em verso e prosa: imagens da força matril afro-ameríndia em literaturas da Capoeira Angola" (2012); de Fernanda de Cássia Forato: "Olhares de si, olhares de mundo: itinerários de formação na experiência do Lab_Arte de fotografia" (2015); de Juliana Michelli de Oliveira: "Convergências da organização auto & mitopoiética na educação de sensibilidade na criação simbólica em Remédios Varo" (2008); de Luiz Fernando de Prince Fukushiro: "Prelúdios para música e formação" (2014); de Luzmarina Espindola: "O vestido azul: educação e música na infância - ressonâncias antropológicas" (2010); de Miraci Tamara Castro: "A canoa da escritura formativa: trajetórias do barro pelo rio ao mar" (2015); de Renata Meirelles : "Águas Infantís: um encontro com brinquedos e brincadeiras da Amazônia" (2007) e de Antonio Schlögl: "A poesia cantada, com idosos asilados, na possível re-construção do imaginário" (SCHLÖGL, LOUREIRO, FERREIRA-SANTOS, CÁRDENAS & BEZERRA, 2012).

Dentre as monografias de especialização *lato sensu* as pesquisas de Iete Rodrigues Reis: “Hermenêutica da invisibilidade em Garabombo: aprendizagens de diversidade cultural e indigenismo na literatura fantástica de Manuel Scorza” (2007) e de Vanessa Paraselli: “A educação ancestral guarani e educação infantil: diversidade, diálogos e possibilidades” (2007).

No nível de graduação em Pedagogia concluíram as pesquisas como trabalho de conclusão de curso os de Lesly Monteiro Ratinho: “Fenomenologia da percepção em Maurice Merleau-Ponty no diálogo com o pensamento ecológico” (2007); de Luzmarina Espíndola: “Apro-fundamentos antropológicos da música: diálogos com a educação infantil” (2006); de Priscila Tavares: “Grande percurso: veredas pelos descomeços” (2014); de Soraia de Souza Faria: “Arte e Educação: aproximações simbólicas” (2005); e de William Martins dos Santos: “A base cultural: experiência de autogestão e ação cultural em Itaquera” (2006).

Pesquisas concluídas sob a forma de iniciações científicas tivemos as de Amanda Moraes Ribeiro: “A vila dalva e suas histórias: memória e lembrança na reconstrução de um passado” (2007); de Débora da Silva Carvalho: “Imago - leitura de imagens em Educação, Arte e Identidade - hermenêuticas da criação” (2005) e “Corpo e Dança em Educação” (2006); de Débora Maclean: “Música & Educação no percurso formativo de educadores” (2005) e “Música e narração de histórias na formação de professores” (2006); de Julia Henning da Silva: “O papel educativo da reminiscência no percurso formativo de atores” (2006); de Marília Lemos Maia: “Música & Educação no percurso formativo de educadores” (2005); de Renata Saiuri Mollan Saito: “A relação homem e natureza no imaginário expresso em canções e festas populares da comunidade de Guaratinguetá” (2008) e “Música, Cultura Popular e Educação na formação de educadores - o jongo” (2007); de Ruth Maeda: “Educação ameríndia & ancestralidade - poéticas cênicas” (2005); e de Vinicius Aleksandro Medrado: “Música & Educação no percurso formativo de educadores” (2007).

Muitos destes trabalhos de pesquisas foram provocados sob a minha orientação (ou desorientação no sentido provocativo de novas *poiésis* investigativas) no transcorrer de alguns convênios internacionais como aquele celebrado com a sección departamental de didáctica de la expresión plástica de la Facultad de Educación y Bellas Artes de la Universidad Complutense de Madrid, que coordenei pela parte brasileira e a colega Marián López Fernandez Cao pela parte espanhola, intitulado: “Educación, Arte e Identidad: hermenéuticas de la creación”, com financiamento do MECD-DGU (Espanha) e CAPES (Brasil), no período de 2004 a 2006, em que tivemos a oportunidade de intercambiar nossas investigações e formações de pesquisadores,

fazendo a aproximação frutífera de nossas linhas de pesquisa, docência e intervenção social em ambos os lados do oceano (FERREIRA-SANTOS, 2006).

Outro projeto hispano-brasileiro que serviu de lastro para estas provocações foi o projeto "El imaginario arquetípico a través de imágenes, cuentos y canciones populares en Brasil y España: la tradición popular como reducto vitalizador en tiempos de crisis", coordenado pela parte espanhola pela outra colega Pilar Perez Camarero, da Universidad Autónoma de Madrid, financiado pelo grupo Santander no período de 2009 a 2010; e no qual o Lab_Arte integra, desde então, o Grupo Interdisciplinar Cultura, imaginário y Creación Artística.

No plano das ações de extensão universitária coadjuvantes às atividades de pesquisa tivemos o Projeto "Arte-educação & cultura brincante na formação de educadores - projeto 568" com financiamento da Pro-reitoria de Cultura & Extensão da Universidade de São Paulo, no período de 2008 a 2010.

Além de contar com o projeto ampliado de Renata Meirelles, "Território do Brincar", com financiamento do Instituto Alana (FERREIRA-SANTOS, 2015), no desdobramento de nossas pesquisas e experimentações com cinema (FERREIRA-SANTOS, 2007, 2012, 2013 e 2014; ALMEIDA & FERREIRA-SANTOS, 2011, 2012 e 2014).

No plano latinoamericano, temos tido a implantação de modelos semelhantes ao Lab_Arte, em especial, na Colômbia, através da pesquisadora e ex-doutoranda, Patricia Perez Morales (FERREIRA-SANTOS, 2002, 2010, 2012, 2014); com o IDARTES de Bogotá através de seu planetário (FERREIRA-SANTOS, MORALES & RUBIRA, 2014); com as Universidades Santo Tomás, Gran Colômbia e Universidad Pedagógica Nacional. Assim como as colaborações com o Equador através do IAEN - Instituto de Altos Estudios Nacionales, programa de pós-graduação do Estado equatoriano na assessoria às implantações participativas e coadunadas com o princípio quéchua de Sumak Kawsay ("pleno conviver"), agora princípio constitucional desde a carta de 2008, reconhecendo a autonomia das 14 etnias, portanto, agora um estado plurinacional e intercultural; resultado do movimento indígena organizado há mais de cinquenta anos naquele país com um modelo de educação autônomo bilingue (quechua e espanhol) em relação ao sistema oferecido pelo Estado (FERREIRA-SANTOS, 2010 e 2015).

Outro aspecto importante a ressaltar é a preocupação com uma maior coerência entre a forma e o conteúdo. Como o que está em pauta é a reformulação do pensamento na matriz ocidental, no universo acadêmico, com uma proposta interdisciplinar e de maior natureza

complexa; os resultados das pesquisas não poderiam continuar “amarrados” a um modelo tradicional regulamentado pela ABNT (que padroniza muito bem as especificações hidráulicas, elétricas, etc, mas não as produções epistemológicas; além do fato de serem transitórias aumentando ainda mais a confusão sobre uma pretensa e questionável “padronização”). Assim sendo, as formas das teses, dissertações e monografias obedecem a outros critérios subjacentes ao seu próprio conteúdo: formatos quadrados (21x21 cm) para valorizar as fotografias que dialogam com os textos, formatos em brochuras de partituras, encartes com vídeos-poesia, curta-metragens, CDs de áudio com produções musicais resultantes da pesquisa, exposições que se articulam com o resultado das pesquisas; assim como as defesas se dão em outros formatos que dispensam a tradicional separação entre candidato ou candidata e a banca replicando a herança europeia dos tribunais. Nossas defesas se dão no palco, com o candidato ou candidata e banca sentadas em sofás como numa sala de estar e que conta também com a participação do público, além de comportar, quando necessário, performances de apresentação intimamente ligadas aos processos e resultados da pesquisa. Nos parece mais coerente.

Desta forma, creio ter exemplificado de maneira mais concreta como as provocações de uma concepção poética desembocam em pesquisas frutíferas na interface entre as artes e a educação num viés antropológico e simbólico. Aqui o oleiro que descobre o torrão que havia sido o coração de Truong Chi não sabe de sua origem, mas dele faz com sua arte de ofício a bela obra que refaz as mediações perdidas da princesa Minang como *pharmakon*. O trânsito interdisciplinar esmaece as tradicionais fragmentações disciplinares e põe em circuito a luminosidade modesta (*lumina profundis*, FERREIRA-SANTOS, 2005) das investigações diurnas com a penumbra noturna dos processos de criação que sondam o misterioso. Mas, se nos atermos à lição berdyaeiviana, lembraremos que o mistério não é da ordem do explicável, mas é para ser profundizado. Muitas vezes, o caráter significativo que tem o resultado de uma pesquisa se relaciona muito mais ao seu processo e este, por sua vez, imprevisível e incontrolável (como toda ação na existência humana) não cabe nos projetos, nos planejamentos, nos programas. Apesar de toda a ladainha acadêmica entorno das metodologias de pesquisa, nunca escolhemos um tema. O tema nos escolhe. Relembrando Thomas Mann em “Tonio Gruger”, o poeta é um amaldiçoado: a poesia o escolhe. Nos cabe como orientadores na provocação das pesquisas ouvir o que o pesquisador quer, antes mesmo que ele próprio o saiba e respeitar esta destinação do Outro e nossa como socrático parideiro.

O caráter crepuscular (FERREIRA-SANTOS, 1998 e 2005) do ato educativo, das artes, do cuidado e da pesquisa como jornada interpretativa (WILLMS, ALMEIDA & FERREIRA-SANTOS, 2014), em sua natureza fratriarcal, aponta para uma gnose matutina: pharmakón autêntico de uma educação de sensibilidade nas re-mediações todas em sua religiosidade – religare et relegere – como religação e releitura do mundo:

O combate pela Alma do Mundo nos convoca desde logo à luta pela significação contra os iconoclasmos. A gnose matutina que a inspira é uma oposição radical, tanto à unidimensionalidade cientificista como à unidimensionalidade teológica que é o fanatismo. (DURAND, 1995, p. 109-110).

Esta gnose matutina é o autoconhecimento através do conhecimento da aurora do mundo, quando no interior do mundo diviso meu mundo interior. Intelecção amorosa que privilegia o canto assim como o silêncio. De alguém que encostou em concha e soube da origem do som. Concerto que aproxima o olho e a mão na obra artesã. Decerto não é por fazimento cerebral. Eu que me preparo para árvore velha, espero abrigar o exílio das cigarras.

“a criação é, por sua natureza, um sacrifício e a destinação de um gênio criador é uma destinação trágica”
Nikolay Berdyaev (1933, p.248)

***"a palavra escrita é uma fotografia do saber;
não é o saber em si"***

Tierno Bokar citado por Amandou Hampatê Bá
(filósofo malinense)

Bibliografia:

- ALMEIDA, Rogério & FERREIRA-SANTOS, M. O cinema e as possibilidades do real: um prólogo ao diálogo. In: ALMEIDA, Rogério & FERREIRA-SANTOS, M. (org.). Cinema e as possibilidades do real. São Paulo: Képos, p.9-18, 2014.
- ALMEIDA, Rogério & FERREIRA-SANTOS, M. (org.). Cinema e contemporaneidade. São Paulo: Képos, 2012.
- ALMEIDA, Rogério de & FERREIRA-SANTOS, M. (org.). O cinema como itinerário de formação. São Paulo: Képos, 2011.
- ARGUEDAS, José María. Katatay: pongoq mosqoynin (Templar: El sueño del pongo). La Habana: Colección La Honda Casa de Las Américas, edición bilingüe, 1976.
- ARGUEDAS, José María. Breve Antología Didáctica. Lima: Editorial Horizonte, 1987.
- ARGUEDAS, José María. Indios, Mestizos y Señores. Lima: Editorial Horizonte, 2ª. Ed., 1987.
- BACHELARD, Gaston. A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. A Terra e os Devaneios do Repouso: Ensaio sobre as imagens da intimidade. São

Paulo: Martins Fontes, 1990.

BACHELARD, Gaston. O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BACHELARD, Gaston. O Direito de Sonhar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 4ª ed., 1994.

BARROS, Manoel de. Retrato do artista quando coisa (1998). In: Poesia Completa. São Paulo: Leya, p. 355-375, 2010.

BERDYAEV, N. A. Esprit et Liberte. Paris: Éditions Je Sers, 1933.

BERDYAEV, N. A. Cinq Meditations sur l'Existence. Paris: Fernand Aubier, Éditions Montaigne, 1936.

CASTRO, Paulo Afonso Souza. Angelo Cretã e a retomada das terras indígenas no sul do Brasil. Curitiba: UFPR, dissertação de mestrado, 2011.

COEN, Monja. Caminhemos: Buda foi ao inferno. Os demônios ao Nirvana... In: FERREIRA-SANTOS, Marcos & GOMES, Eunice Simões Lins (orgs.). Educação & Religiosidade: imaginários da diferença. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.

DURAND, Gilbert. Beaux-Arts et Archétypes: La religion de l'art. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

EPICURO. Letter to Menoeceus. In: Grant, Frederick C. (1960). Hellenistic Religions. New York, 1960.

FERREIRA-SANTOS, M. Arte, Imaginário e Pessoa: Perspectivas Antropológicas em Pesquisa. In: SANCHEZ TEIXEIRA, Maria Cecília & PORTO, Maria do Rosário Silveira. (Org.). Imagens da Cultura: Um Outro Olhar. São Paulo: Plêiade, p. 65-86, 1999.

FERREIRA-SANTOS, M. Música & Literatura: O Sagrado Vivenciado. In: Porto; Sanchez Teixeira; FERREIRA-SANTOS & Bandeira. (Org.). Tessituras do Imaginário: Cultura & Educação. Cuiabá: Edunic/Cice, p. 57-76, 2000.

FERREIRA-SANTOS, M. Utopía y Ucronía en Cuba: no es perfecta mas se acerca a lo que simplemente soñé. In: FERREIRA-SANTOS, M. (Org.). Imagens de Cuba: a esperança na esquina do mundo. São Paulo: Editora Zouk, p. 15-24, 2002.

FERREIRA-SANTOS, M. Fiestas & Educação Ancestral em Ameríndia: um exercício mitohermenêutico. In: PERES, Lucia Maria Vaz. (Org.). Imaginário: o "entre-saberes" do arcaico e do cotidiano. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, p. 39-69, 2004.

FERREIRA-SANTOS, M. Profundidades da Argila: exercícios plásticos e práticos da mitohermenêutica. In: PERES, Lucia Maria Vaz. (Org.). Imaginário: o "entre-saberes" do arcaico e do cotidiano. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, p. 71-89, 2004.

FERREIRA-SANTOS, M. Crepusculario: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi. São Paulo: Editora Zouk, 2a. ed., 2005.

FERREIRA-SANTOS, M. Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku. In: SECAD/MEC. (Org.). Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03. Brasília: Edições MEC/BID/UNESCO - Coleção Educação para Todos, p. 205-229, 2005.

FERREIRA-SANTOS, M. O Espaço Crepuscular: mitohermenêutica e jornada interpretativa em cidades históricas. In: PITTA, Danielle Perin Rocha. (Org.). Ritmos do Imaginário. Recife: Editora Universitária UFPE, p. 59-99, 2005.

FERREIRA-SANTOS, M. Uma perlaboração do sujeito: subjetividade, arte & pessoa. In: Maria de Lourdes Manzini-Covre. (Org.). Mudança de sentido, sujeito(s) e cidadania: novos paradigmas em ciências sociais. São Paulo: Expressão e Arte Editora, p. 175-200, 2005.

FERREIRA-SANTOS, M. Arqueofilia: o vestígio na prática arqueológica e junguiana. In: Marcos Callia; Marcos Fleury de Oliveira. (Orgs.). Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique. São Paulo: Paulus, p. 125-182, 2006.

FERREIRA-SANTOS, M. Mitohermenêutica de la creación: arte, proceso identitário y ancestralidad. In: Marián López Fernández-Cao. (Org.). Creación y Posibilidad, Aplicaciones del arte en la integración social. Madrid: Editorial Fundamentos, p. 197-242, 2006.

FERREIRA-SANTOS, M. Mitologia na arte: labirintos iniciáticos. In: BATISTA E SILVA, M.R. & AMARAL, M.V.N.. (Org.). *Arte como mediação cultural - arte e mitologia na obra de Francisco Brennand*. Recife: Associação dos Amigos da Oficina Cerâmica de Francisco Brennand, 2009.

FERREIRA-SANTOS, M. Fundamentos antropológicos da arte-educação: por um pharmakon na didaskalia artesã. *Revista @mbienteeducação*, Volume 3, Número 2, julho/dezembro, p. 59-97, 2010.

FERREIRA-SANTOS, M. Matrizes de la persona afro-ameríndia: escritura como obra de vida. In: FLOREZ, C.M. (Org.). *Urdimbres*. Cali (Colombia): Editorial Buenaventuriana, p. 219-248, 2010.

FERREIRA-SANTOS, M. O Sagrado e a religiosidade na educação: caminhando com Nikolay Berdyaev. In: FERREIRA-SANTOS, M. & GOMES, Eunice Simões Lins. (Org.). *Educação & Religiosidade: imaginários da diferença*. João Pessoa / PB: Editora Universitária UFPB, p. 17-86, 2010.

FERREIRA-SANTOS, M. Educación y religiosidad: entre el enseñaje y la creación como deuda ancestral - un pharmakon. In: MORALES, Patricia Perez. (Org.). *Educación sensible: la ciudad como escenario posible*. Cali (Colombia): Editorial Buenaventura, p. 21-38, 2011.

FERREIRA-SANTOS, M. Religiosidade na poética artesã do cuidado: o pharmakon. In: HETMANEK, R. & TOMITA, Andrea. (Org.). *Espiritualidade no século XXI: educação, saúde e arte*. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, vol.1, p. 7-18, 2011.

FERREIRA-SANTOS, M. Três estações, um encontro e o canto. In: ALMEIDA, Rogério & FERREIRA-SANTOS, M. (Org.). *O cinema como itinerário de formação*. São Paulo: Editora Képos, p.11-33, 2011.

FERREIRA-SANTOS, M. A última tempestade: a contemporaneidade do sacrifício da primavera num renascimento temporão. In: ALMEIDA, R. & FERREIRA-SANTOS, M. *Cinema e contemporaneidade*. São Paulo: Képos, p.71-93, 2012.

FERREIRA-SANTOS, M. Contributos libertários para a arte-educação contemporânea: autogestão na experiência do Piá. In: SANCHEZ, J.; FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, Rogério. *Artes, Museu e Educação*. Curitiba: Editora CRV, p. 63-106, 2012.

FERREIRA-SANTOS, M. Innovación curricular y enseñanza superior: el arquetipo del maestro-aprendiz en la experiencia de lab_arte. In: VII Cátedra Agustín Nieto Caballero: *Prácticas innovadoras y reflexivas en educación superior*. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, p. 67-74, 2012.

FERREIRA-SANTOS, M. Fazer(com): a estesia – contribuições do filme “Sementes do nosso quintal”. *Revista Apase*, 12 (14):54-69, junho, 2013.

FERREIRA-SANTOS, M. Respeto a la necesaria soledad de los niños: la forja de la poesía. In: FERREIRA-SANTOS, M.; MORALES, Patricia Perez & RUBIRA, Fabiana. *Aproximaciones a la educación sensible: vivencia en los núcleos experienciales en Astronomía y Arte-educación*. Bogotá: IDARTES – Planetario de Bogotá, p. 118-147, 2014.

FERREIRA-SANTOS, M. Um quintal e muitas sementes a educadora Therezita Pagani no cinema de Fernanda Heinz. In: ALMEIDA, Rogério de & FERREIRA-SANTOS, M. (org.). *Cinema e as possibilidades do real*. São Paulo: Képos, p.71-104, 2014.

FERREIRA-SANTOS, M. O ancestral: entre o singular e o universal. In: AMARAL, M. & CARRIL, L. *O hip hop e as diásporas africanas na modernidade – uma discussão contemporânea sobre cultura e educação*. São Paulo: Alameda, p. 193-233, 2015.

FERREIRA-SANTOS, M. Território da iniciação: o brincar escapulindo das trancas e trincas. In: MEIRELLES, R. (ORG.). *Território do Brincar: diálogo com escolas*. São Paulo: Instituto Alana, p. 91-101, 2015

FERREIRA-SANTOS, M. (coord.); RIBEIRO, Amanda; LIBERTI, Leonardo; LEMOS, Marília; ARENHÖVEL, Sophie & MEDRADO, Vinícius. *Cantos da Educação: mito, antropologia sonora & diversidade na formação docente*. São Paulo: FE-USP, Anais da 5a. Semana de Educação: A USP e a formação docente, novembro de 2007.

FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, Rogério. *Antropológicas da Educação*. São Paulo: Képos, 2ª Ed., 2014

- FERREIRA-SANTOS, M. & GOMES, E. S. L. (org.). Educação & Religiosidade: imaginários da diferença. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010
- FERREIRA-SANTOS, M. & PEREIRA, Theda C. G. A sensibilização da memória por meio dos contos filosóficos na formação de educadores. Educação: Teoria e Prática, 23 (44): 95-111, Set-Dez., 2013.
- FERREIRA-SANTOS, M. & PEREIRA, Theda C. G. Uma ética-poética do sagrado no hermenêutico trabalho sobre si por meio do jogo dramático com base em contos filosóficos. Religare, 10 (2): 132-141, setembro, 2013.
- FERREIRA-SANTOS, M. A memória que vem da música. Entrevista concedida à Paula Sacchetta. São Paulo: AUN Agência USP de Notícias, on line, 12/03/2008. Disponível em: <http://www.usp.br/aun/exibir.php?id=1924>
- FERREIRA-SANTOS, M. A Pequena Ética de Paul Ricoeur nos caminhos para a gestão democrática de ensino: refletindo sobre a supervisão, a diretoria de ensino e a escola. Suplemento Pedagógico Apase, São Paulo, v. II, n. 11, p. 1-6, 2003.
- FERREIRA-SANTOS, M. A Sacralidade do Texto em Culturas Oraís. Diálogo Revista de Ensino Religioso, São Paulo, v. IX, n. 35, p. 14-18, 2004.
- FERREIRA-SANTOS, M. Arte-Educação, Imaginário & Comunidade: as faces de um mesmo rosto. Cadernos de educação, Cuiabá, v. Edição, n. Especial, p. 53-70, 2005.
- FERREIRA-SANTOS, M. Cantiga leiga para um rio seco: mito e educação. Suplemento Pedagógico APASE (São Paulo), Aprendizagem e Escola, ano IX, n.º 23, abril de 2008, p. 5-8. Disponível em: http://www.sindicatoapase.org.br/File/2008/abril/suplemento_abril.pdf
- FERREIRA-SANTOS, M. Cultura Imaterial e processos simbólicos. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, v. 14, p. 139-151, 2004.
- FERREIRA-SANTOS, M. Dónde queda la imaginación?. La Vanguardia, Barcelona, p. 25 - 25, 25 abr. 2006.
- FERREIRA-SANTOS, M. Educação de Surdos e Corporeidade: Do Silêncio ao Grito na Gesticulação Cultural. Espaço Informativo Técnico Científico do Ines, Rio de Janeiro, v. 21, n. jan-jun, p. 24-38, 2004.
- FERREIRA-SANTOS, M. Espaços crepusculares: poesia, mitohermenêutica e educação de sensibilidade. Revista @mbienteeducação (São Paulo), volume 1, número 1, jan/julho 2008.
- FERREIRA-SANTOS, M. et al. argumento In: “Sementes do Nosso Quintal”, direção: Fernanda Heinz Figueiredo, Aiuê Produtora, filme longa-metragem, 2012.
- FERREIRA-SANTOS, M. et al. argumento In: “Território do Brincar”, direção: Renata Meirelles & David Reeks, Instituto Alana, filme longa-metragem, 2015.
- FERREIRA-SANTOS, M. lab_arte: uma conquista dos alunos. São Paulo: Feusp Pensa, n.º 3, 3.º trimestre, 2007.
- FERREIRA-SANTOS, M. Mari, Pachamama e Ñandecy: matrialismo basco, quechua e guarani e seus desdobramentos sócio-ambientais e eco-pedagógicos. Anais do XIV Ciclo de estudos sobre o Imaginário - Congresso Internacional: As dimensões imaginárias da natureza. Recife: UFPE/Associação Ylê Setí, p. 94-113, 2006.
- FERREIRA-SANTOS, M. Mitohermenêutica de la Fiesta en Ameríndia: diálogos con la Ancestralidad. In: Jaia eta Sozietatea, Arte eta Kulturako IV. Topaketak, 2003, Bilbao: Euskal Herriko Unibertsitatea (Universidad del País Vasco), p. 18-18, 2003.
- FERREIRA-SANTOS, M. Oikós: topofilia, ancestralidade e ecossistema arquetípico. Anais do XIV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário - Congresso Internacional: As dimensões imaginárias da natureza. Recife: UFPE/Associação Ylê Setí, p. 41-71, 2006.
- FERREIRA-SANTOS, M. Subjetividade e Educomunicação: matizes antropológicos. Nómadas (Colombia), 16(94-110), abril, 2002.
- FERREIRA-SANTOS, M.; MORALES, Patrícia Perez & RUBIRA, Fabiana. Aproximaciones a la educación sensible: vivencia en los núcleos experienciales en Astronomía y Arte-educación. Bogotá: IDARTES – Planetario de Bogotá, 2014.

- FERREIRA-SANTOS, M. As filhas do vento e a ancestralidade africana: a alma de Orfeu-Jelyia-Griot. In: Edileuza Penha de Souza. (Org.). *Negritude, Cinema e Educação - caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003 - vol.2*. Belo Horizonte: Mazza Edições, v. 2, p. 65-86, 2007.
- FERREIRA-SANTOS, M. *Práticas Crepusculares: Mytho, Ciência & Educação no Instituto Butantan - Um Estudo de Caso em Antropologia Filosófica*. São Paulo: Tese de Doutorado, FEUSP, 2 vols., ilustr., 1998.
- FERREIRA-SANTOS, M. Mitohermenéutica de la creación: arte, proceso identitário y ancestralidad. In: Marián López Fernández-Cao. (Org.). *Creación y Posibilidad, Aplicaciones del arte en la integración social*. Madrid: Editorial Fundamentos, p. 197-242, 2006.
- FERREIRA-SANTOS, M. Cantiga leiga para um rio seco: mito e educação. *Suplemento Pedagógico APASE (São Paulo), Aprendizagem e Escola*, ano IX, n.o 23, abril, p. 5-8, 2008.
- FERREIRA-SANTOS, M. O Sagrado e a Religiosidade na Educação: caminhando com Nikolay Berdyaev. In: FERREIRA-SANTOS, Marcos & GOMES, Eunice Simões Lins (orgs.). *Educação & Religiosidade: imaginários da diferença*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.
- FERREIRA-SANTOS, M. Mitologias na arte: labirintos iniciáticos em Francisco Brennand. *Saberes em Ação, Arte & Espiritualidade*, Ano 02 · N° 04:167-191, Jul/Dez., 2014.
- GIANNOTTI, Sirlene. *Dar forma é formar-se: processos criativos da arte para a infância*. São Paulo: FEUSP, dissertação de mestrado, 2008.
- GONÇALVES, Theda Cabrera & FERREIRA-SANTOS, M. A dramatização de contos filosóficos como contribuição à arte-educação. *Revista e-Curriculum*, v. 12 (01): 1012-1032, jan/abr., 2014.
- GUÉNON, René. *La Métaphysique Orientale*. Paris: Gallimard, 1937.
- GUSDORF, Georges. *Mythe et Métaphysique*. Paris: Flammarion Éditeur, 1953.
- GUSDORF, Georges. *A Fala*. Porto: Edições Despertar, Coleção Humanitas, 1970.
- GUSDORF, Georges. *Professores para quê?* São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.
- JEKUPÉ, Olívio. *Xerekó Arandu: a morte de Kretã*. São Paulo: Peirópolis / Guarulhos: Palavra de Índio, 2002.
- LYOTARD, Jean-François. *O Pós-Moderno Explicado às Crianças*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- LYOTARD, Jean-François. *Reécrire la Modernité*. In: *L'inhumain*. Paris: Galilée, 1988.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Homem e a Comunicação: A Prosa do Mundo*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Linguagem Indireta e As Vozes do Silêncio*. In: *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Linguagem*. In: *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Olho e o Espírito*. In: *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª ed., 1992.
- MORIN, Edgar. *O Enigma do Homem: Para uma Nova Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2a. ed., 1979.
- MORIN, Edgar. (org.) *Religação dos Saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MOUNIER, Emmanuel. *Traité du Caractère*. Paris: Esprit, Éditions du Seuil, rev. ampl., 1947.
- MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. Lisboa/São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2ª ed., 1964.

- PESSANHA, J. Américo Motta. As Delícias do Jardim. In: NOVAES, Adauto (org). "Ética". São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Companhia das Letras, 1992.
- RICOEUR, Paul. Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 1987.
- RICOEUR, Paul. Interpretação e Ideologias (org. de Hilton Japiassú). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 3ª ed., 1988.
- RICOEUR, Paul. O Si Mesmo com um Outro. Campinas: Papirus, 1991.
- RICOEUR, Paul. Abordagens (Approches) da Pessoa. Rio de Janeiro: Revista Filosófica Brasileira, vol. V (1): 11-24, junho, 1992.
- RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Campinas: Papirus – tomo I, 1994.
- RICOEUR, Paul. Da Metafísica à Moral. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- RICOEUR, Paul. O Passado tinha um futuro. In: Morin, E. (org.) Religação dos Saberes: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SANCHEZ, J.; FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, Rogério de. Artes, Museu e Educação. Curitiba: Editora CRV, 2012.
- SCHLÖGL, A., LOUREIRO, A.M.L., FERREIRA-SANTOS, M., CÁRDENAS, C.J.de & BEZERRA, A.J.C. A poesia cantada, com idosos asilados, na possível re-construção do imaginário. Revista Kairós Gerontologia, 15(5): 141-167, set., 2012.
- SERRES, Michel. Filosofia Mestiça: Le Tiers-instruit. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- SILVEIRA, Nise da. Imagens do inconsciente. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.
- SILVEIRA, Nise da. Cartas a Spinoza. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995
- SILVEIRA, Nise da. O mundo das imagens. São Paulo: Ática, 1992.
- SPERB, Cláudia & FERREIRA-SANTOS, M. A Serpente no Imaginário Infantil: Arte & Ciência na Produção Artística de Crianças. Jacareí: II Encontro Latinoamericano de Arte Infantil, 1998.
- WILLMS, Elni E.; ALMEIDA, Rogério & FERREIRA-SANTOS, M. A pesquisa como jornada interpretativa: uma leitura metafórica do filme "A lenda do pianista do mar". Quipus, 3 (1): 117-130, maio, 2014.